

Ameaça

Economia - Brasil

Crise prolongada pode pressionar preços aos consumidores. Se dólar subir 10%, impacto na inflação será de um ponto percentual

CAMBIAL

VICENTE NUNES
 DA EQUIPE DO CORREIO

A despeito da garantia de autoridades do governo, de que a crise financeira que provocou perdas mundo afora e exigiu liberações de US\$ 300 bilhões por Bancos Centrais de várias partes do planeta, não afetará o país, os brasileiros devem se preparar. Há uma forte ameaça rondando a todos: os preços do dólar. Se as cotações da moeda americana, que subiram quase 3% na última semana, continuarem embicando para cima, a inflação, domada há quatro anos, pode voltar a incomodar — e muito. “A principal forma de o Brasil ser contagiado pela crise é o câmbio”, avisa Zeina Latif, economista-chefe do Banco Real ABN Amro.

O raciocínio que domina os especialistas é claro. Nos últimos três anos, a queda dos preços do dólar foi fundamental para que o Brasil jogasse a inflação no chão. A indústria reduziu significativamente os custos de produção, repassados aos consumidores. Os produtos importados ajudaram a aumentar a competição no mercado interno, inibindo os movimentos de reajustes das empresas locais. O dólar barato ampliou o poder de compra dos trabalhadores e deu um forte ali-

vio no endividamento do setor produtivo. Foi, inclusive, fundamental para que a maior parte dos diretores do Banco Central (BC) optasse por cortar em 0,5 ponto percentual a taxa básica de juros (Selic) nas duas últimas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom).

Mas o novo cenário que se desenha no mundo, de aperto no crédito e menor crescimento, não contempla preços tão convidativos para o dólar. “Nas nossas contas, se as cotações da moeda americana passarem dos R\$ 2,05 no meio dessa crise, a inflação já será impactada”, diz o economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Sousa Leal. “E cada 10% de aumento do dólar significa um impacto de um ponto percentual na inflação”, acrescenta. Supondo que o dólar aumente os 10% e o reflexo no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) se confirme, a taxa saltará dos atuais 3,73%, no acumulado de 12 meses até julho, para 4,73%, superando a meta central de 4,5% definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN).

Alta dos juros

Para Zeina, ainda que nenhuma das previsões mais pessimistas para o dólar se confirme, somente a expectativa de alta, alimentada pela crise internacional, já terá

Adauto Cruz/CB - 12/12/04



O DÓLAR EM QUEDA FEZ A FESTA DOS CONSUMIDORES TORNANDO BARATOS OS PRODUTOS ELETROELETRÔNICOS

impacto na inflação, pois os formadores de preços tenderão a incorporá-la em suas tabelas. “Há outra ressalva a ser feita: mesmo que o câmbio não mude muito, ele em nada mais ajudará a inflação daqui por diante”, destaca. Ou seja, o BC terá de ser mais rigoroso na condução da política monetária. “Não será surpresa se, mais à frente, o Copom for obri-

gado a aumentar as taxas de juros, o que faz parte do jogo”, emenda Leal, do ABC Brasil. Muitos produtos, como eletroeletrônicos, têm tido o preço contido pelo câmbio favorável.

Dentro do governo, os preços do dólar são acompanhados com lupa. “E, por enquanto, estamos muito tranquilos”, ressalta um integrante da equipe econômi-

ca. A seu ver, o volume de recursos estrangeiros que tem entrado no Brasil é suficiente para conter qualquer arrancada da moeda americana. “Há sobras diárias de dólares. Basta o BC deixar de comprar para que as cotações desabem”, frisa. “Além disso, no caso de alta do dólar, o governo terá a ajuda dos exportadores para derrubar a moeda,

já que eles tenderão a trazer mais recursos para o país.”

O economista do governo diz ainda que a qualidade dos dólares que têm entrado no Brasil é muito boa. “São recursos de longo prazo, que não sairão a qualquer momento por causa de um estresse pontual nos mercados”, diz. “Estamos falando de dólares de exportações, de investimentos estrangeiros diretos para o setor produtivo e de recursos para a compra de participações acionárias em empresas que estão abrindo o capital”, destaca. “Nossas reservas cambiais, de quase US\$ 160 bilhões, são um arsenal poderoso para conter qualquer movimento do dólar”, garante.

O dólar mais caro afeta, principalmente, produtos importados, como o trigo, base da fabricação do pãozinho, do macarrão e dos biscoitos. O trigo, por sinal, já está em alta devido à quebra de safra em países produtores importantes. A moeda em alta também encarece insumos e matérias-primas importados usados na fabricação de computadores, automóveis e eletrodomésticos. “Mas não vamos ver esse cenário se confirmar. O dólar fechará o ano entre R\$ 1,85 e R\$ 1,90”, afirma o governista.